



(Des)construindo a mãe: um relato de maternidade homoafetiva

Isabella Boddy da Silva, Nicole Cristine de Oliveira e Nylcéa Thereza de Siqueira Pedra*

Universidade Federal do Paraná, Rua XV de Novembro, 1299, 80060-000, Curitiba, Paraná, Brasil. *Autor para correspondência: E-mail: npedra@hotmail.com

RESUMO. O presente artigo tem por objetivo problematizar de que modo a etimologia de uma palavra pode determinar a maneira como a interpretamos socialmente. Em particular, nos interessa discutir como a palavra ‘mãe’ se construiu e se constrói na contemporaneidade e de que modo experiências de maternidade que se afastam do modelo tradicional patriarcal podem expandir o significado e apropriação do termo. Para tanto, traçamos um percurso de revisão histórico-etimológica do substantivo ‘mãe’ e defendemos que as palavras são constructos sociais. Além disso, e com o intuito de problematizar o uso circunscrito do termo, apresentamos uma breve análise do livro *Mama: um relato de maternidade homoafetiva* (Tiboni, 2019). Nessa obra, que se propõe a ser um relato da experiência - mas que guarda elementos do ficcional - da chegada dos filhos gêmeos torna-se o lugar para a revisitação da amplitude dos significados de ser ‘mãe’. E de uma maneira muito tocante a autora nos convida a repensar a pergunta: ‘quem é a mãe dessas crianças?’

Palavras-chave: etimologia; maternidade dissidente; maternidade homoafetiva; *Mama*.

(De)constructing the mother: an homoaffective motherhood report

ABSTRACT. The aim of this paper is to problematize how the etymology of a word can determine the way we socially interpret it. Particularly, we are interested in discussing how the word ‘mother’ was and is built in the contemporaneity, and in what ways the experiences of motherhood that displace from the patriarchal standard can broaden the meaning of the term. For this purpose, we traced a path of the historical-etymological revision of the word, while endorsing that words are social constructs. Besides, we present a brief analysis of *Mama: um relato de maternidade homoafetiva* (Tiboni, 2019) with the intent of problematizing the limited use of the term. In the book, that intends to be a report, but has elements of fiction, the arrival of twins becomes the place where it is possible to revisit the amplitude of what it is to be a ‘mother’. In a moving way, the author invites us to revisit the question: ‘who is the mother of those children?’

Keywords: etymology; dissident motherhood; homo-affective motherhood; *Mama*.

Received on October 19, 2021.

Accepted on March 9, 2023.

Introdução

Neste artigo, pretendemos que os estudos linguísticos e os estudos literários dialoguem de modo que possamos refletir como um relato de maternidade nos convida a questionar o que definimos etimológica e socialmente como ‘mãe’. Para realizar este percurso, revisitamos a etimologia da palavra, alguns conceitos da Linguística Cognitiva e nos apoiamos nos pressupostos definidos por Bakhtin (2003) e revisitados por Sírío Possenti (2008) de língua e discurso para defender que toda palavra traz associada a si uma representação histórico-cultural que revela o modo de ser e pensar de uma sociedade e de uma época. No que tange ao discurso literário, entendendo que ele muitas vezes se torna o espaço antecipador que permite a construção e a apresentação do novo de uma maneira menos combativa que fora das páginas de um livro, discutimos como um relato de maternidade torna-se um texto ficcional profícuo para a discussão dos significados que cabem dentro da palavra ‘mãe’ na contemporaneidade.

Precisando os termos

Em uma visita rápida aos dicionários das quatro línguas neolatinas com maior número de falantes, ao verbete ‘mãe’ encontramos associada como primeira entrada: “Mulher que deu à luz um ou mais filhos e os cria ou criou”

(Mãe, 2021); “Mulher que concebeu um ou mais filhos”¹ (Madre, 2021); “Mulher que gerou seus filhos”² (Donna, 2021); e “Mulher que trouxe uma ou mais crianças ao mundo”³ (Mère, 2021). Todas elas são bastante similares em sua construção e trazem consigo as ações: ‘dar à luz’, ‘conceber’, ‘parir’, ‘gerar’, ‘trazer ao mundo’, isto é, a experiência da maternidade deve passar, necessariamente, pelos atos biológicos de gerar e parir.

Aproximando-nos dos estudos da Linguística Cognitiva, destacamos que, dentro dela, entende-se que a língua e as suas estruturas são maleáveis, adaptadas às necessidades de comunicação de seus falantes, instrumento das expressões e interações. Assim, a linguagem forma parte dos processos cognitivos e se fundamenta por meio de processos socioculturais interativos, o que nos permite entender que muitos dos conceitos linguísticos que adquirimos foram pautados — e possivelmente criados — a partir de relações sociais específicas e necessidades interacionais que se fizeram presentes em algum momento. Além disso, “[...] a linguagem serve para categorizar o mundo, então o significado linguístico não pode ser dissociado do conhecimento do mundo” (Chiavegatto, 2009, p. 82).

Se o significado linguístico não pode ser dissociado do conhecimento de mundo, isso implica dizer, ainda nos dias de hoje, que mãe é aquela que gerou? Um retorno aos séculos passados nos ajuda a entender parte desse pensamento. Os casamentos eram contratos socioeconômicos entre os cônjuges. O nascimento do herdeiro era a continuidade de fortunas familiares e, portanto, apenas o gerado dentro de uma união era digno de reconhecimento e herança. Deste modo, a relação filial se estabelecia pela via sanguínea: é meu filho se for do meu sangue.

À figura da mãe que dá à luz, se une a da mulher que, entregue às tarefas de gerar e cuidar dos filhos e da casa, se abnega de si e dos seus desejos para cuidar da sua prole. E, então, voltamos aos dicionários e encontramos registros como “Mulher com qualidades atribuídas a uma mãe, especialmente seu caráter protetor e afetivo [...]”⁴ (Madre, 2021), “[...] pessoa generosa e bondosa que dispensa cuidados maternos, que protege muito aos outros [...]” (Mãe, 2021), sem ir mais longe, o retrato da mulher do patriarcado: bela, recatada e do lar. Os dicionários parecem registrar, pelo menos até aqui, uma concepção de mãe e, consequentemente de maternidade, ainda ancorada no discurso patriarcal.

Assim também o faz a concepção etimológica dos termos latinos *mater* e *matrimonium*. Aquele é correspondente a *pater*, e remete, também no mundo animal e vegetal, à origem, à causa. Mas, mesmo dada essa correspondência, *mater familias* não assume a ideia de poder exercido pelo *pater familias*. *Matrimonium*, por sua vez, é entendido como a maternidade legal e está relacionado às concepções de casamento e de mulheres casadas e, apesar de ter formação semelhante a de *patrimonium*, não faz alusão à ideia de propriedade ou posse. Na mesma linha, há ainda que se mencionar a ausência do correspondente *matrius* para *patrius*, já que, no direito antigo patriarcal, as mulheres eram impossibilitadas de controlar e possuir (Ernout & Meillet, 2001). Ou seja, a concepção dos termos linguísticos é pautada no papel social que seus ‘representantes’ desempenham.

Se consideramos, então, que a linguagem e a própria formação de conceitos são parte de processos socioculturais, precisamos problematizar o que entendemos por discurso. Para tanto, retomamos os pressupostos de língua e discurso apresentados por Bakhtin (2003) e revisitados por Sírío Possenti (2008). Para o filósofo, a língua é essencialmente dialógica, isto é, se concretiza na interação de seus usuários, que estão inscritos sócio-historicamente em um tempo determinado. Da interação língua-contexto histórico, Bakhtin deriva a afirmativa de que não existe um discurso neutro, que tudo o que é dito carrega em si uma intencionalidade: a palavra é

[...] carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial [...] não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. (Bakhtin & Volochinov apud Dorne, 2009).

Aprofundando a questão, o professor Sírío Possenti desencadeia no glossário Ceale a seguinte reflexão sobre discurso: se a nossa comunicação e a nossa interação é formada por discursos, ao analisarmos um termo — enquanto parte de um enunciado — e a maneira com que escolhemos usá-lo, devemos considerar, primeiramente, o contexto em que ele está inserido: “[...] levar em conta a situação e o contexto histórico permite compreender melhor como um texto funciona — o que significa, apoia ou critica outros etc. Esses

¹ *Mujer que ha concebido o ha parido uno o más hijos*. Todas as traduções são de responsabilidade das autoras.

² *Donna che ha generato dei figli*.

³ *Femme qui a mis un ou plusieurs enfants au monde*.

⁴ *Mujer con cualidades atribuidas a una madre, especialmente su carácter protector y afectivo*.

fatores explicam por que algo foi dito [...] e qual é o sentido do que foi dito” (Possenti, 2021). Isso nos leva a perceber, mais uma vez, a intensa relação entre conceitos linguísticos e os cenários sociais.

Lakoff e Johnson analisam mais profundamente esta relação em *Metáforas da Vida Cotidiana* (2002). Nesse estudo, afirmam que “[...] os conceitos governam nosso pensamento [...] estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas” (Lakoff & Johnson, 2002, p. 45). Para os estudiosos, os conceitos formam um sistema conceitual majoritariamente metafórico, ou seja, baseado em metáforas, comparações, que permeiam nosso cotidiano. Ao construirmos um conceito, ou uma rede de conceitos, o ancoramos em outras definições que já possuímos. Para exemplificar, os autores mencionam o termo ‘discussão’ e como, em nossa cultura, sua metáfora conceitual é “[...] discussão é guerra[...]” (Lakoff & Johnson, 2002, p. 46) — podemos ganhar ou perder uma discussão, destruir uma argumentação etc. Dessa forma, podemos entender que esse sistema de comparações baseia nossa comunicação e, logo, nossa linguagem mesmo que não tenhamos plena consciência disso. Assim, colocações como ‘mãe é amor sem limite’, ‘mãe é porto-seguro’, ‘ser mãe é sofrer no paraíso’ refletem a construção metafórica associada à figura materna de um ser imaculado, paciente e abnegado, como destacamos anteriormente.

Lakoff e Johnson (2002) aprofundam a discussão enfatizando que essas metáforas possuem coerência cultural, isto é, que os valores culturais têm relação direta com a definição metafórica de conceitos. Assim, as comparações que usamos para construir termos estão baseadas e intrinsecamente permeadas pelos princípios formadores de uma cultura. Essa proposição se torna ainda mais relevante quando levamos em consideração que, “[...] mesmo dentro de uma única cultura, podemos encontrar diferentes prioridades para esses valores [...]” (Lakoff & Johnson, 2002, p. 46), e, assim, podemos ter variadas metáforas para um mesmo termo.

No contexto de análise que aqui nos centramos, se à palavra mãe cabem as metáforas anteriores, porque inegavelmente ainda vivemos em uma sociedade predominantemente patriarcal, também é certo que já experienciamos um tempo outro no qual essas metáforas podem e devem ser ampliadas. Chama a atenção que nos dicionários consultados figure apenas na língua francesa a entrada mãe adotiva (*mère adoptive*) e que fique restrito ao português e ao francês a definição de mãe de aluguel (*mère de substitution*). E, então, podemos nos questionar quando outras formas de maternidade serão incluídas na definição do termo, quando prescindiremos do biológico para considerar a maternidade como uma construção social. Ou não são mães as mães solo, as mães lésbicas, as mães trans, os pais mães, ou qualquer ser que exerça o maternar independentemente de seu gênero?

Pela maternidade na literatura

A representação das maternidades nos textos literários é, sem dúvida, um fenômeno contemporâneo. Podemos localizar nos escritos do século XXI um crescente número de textos cujo protagonismo se centra na figura materna e na sua experiência de maternidade. Com isso, não negamos a existência de textos anteriores tratando dessa temática, mas é preciso destacar a peculiaridade dos escritos contemporâneos frente aos que se distanciam de nós temporalmente.

Fazendo uma breve análise das representações maternas em romances de autoria masculina, podemos afirmar que poucos escapam da ficcionalização do ideal materno do patriarcado. As mães, sempre personagens secundárias, vivem ‘em função de’. Não se trata de personagens autônomas, com seus dilemas e ambiguidades, mas amparos de protagonistas que desenvolvem as ações da narrativa. Em *O livro de minha mãe* (2001), o escritor Albert Cohen descreve de maneira contundente a sua progenitora: “Ela nunca me julgou ou criticou, sua vida era escrever para o seu filho, esperar as cartas dele, preparar as viagens para visitá-lo. Minha mãe não tinha um eu, minha mãe tinha um filho” (Cohen, 2001, p. 76).

É interessante observar como a desconstrução desta figura mítica se faz pelas mãos das próprias mulheres. São nos textos de autoria feminina que encontramos as maternidades em plural. Para manter o método que utilizamos na primeira parte deste artigo, é na escrita feminina que vemos representadas as maternidades dissidentes, isto é, aquelas “[...] que abandona[m] um grupo por discordar de suas ideias e princípios” (Dissidente, 2021). Afastadas da metáfora primeira — como destacavam Lakoff e Johnson (2002) —, essas escritas revelam experiências que vão além. E é, então, que encontramos uma série de títulos com os mais diversos relatos de maternidade: *Mãe ou eu também não gozei* (2019), de Letícia Bassit, convida a pensar na figura da mãe solo; *Precisamos falar sobre Kevin* (2007), de Lionel Shriver, sobre a culpa materna; *Por favor, cuide da mamãe* (2012), de Shin Kyung-Sook, sobre o desaparecimento da matriarca de uma família coreana;

Y tú tan feliz? (2020, sem tradução para o português), de Bárbara Carvacho, sobre o aborto; *Maternidade* (2018), de Sheila Heti, sobre o questionamento do desejo de ser mãe, entre outros tantos.

Todos estes textos apresentam duas características comuns: são escritos e narrados por mulheres, em primeira pessoa do singular. A este respeito a estudiosa feminista Laura Freixas destaca em seu artigo *Maternidade e cultura: uma reflexão em primeira pessoa*⁵ (2012): “[...] até o presente momento, dada a falta de tradição, esta escrita das experiências femininas terá que ser, sobretudo, autobiográfica”⁶ (Freixas, p. 19). Esse gênero híbrido, entre a ficção e o autobiográfico (e não é o autobiográfico uma espécie de ficção?), nos permite discutir algumas questões que nos parecem relevantes. Em primeiro lugar, observamos uma mudança de perspectiva narrativa e na ação desses textos. A mulher que antes era incapaz de narrar a sua própria história e era apresentada por um narrador extradiegético, agora assume o protagonismo do relato na voz de uma narradora autodiegética, isto é, aquela “[...] que narra as suas próprias experiências como personagem central dessa história” (Alves, 2009). A mulher e a suas histórias de maternidade são postas no centro. Junta-se a isso o fato de que a voz de uma se torna a voz de muitas. A apresentação de situações que por tantas vezes se calaram possibilita o reconhecimento de não se estar só, de encontrar um eco em atos e pensamentos que, muitas vezes, permanecem ocultos para a manutenção do sistema patriarcal vigente.

Discutindo a questão do autobiográfico, Philippe Lejeune em entrevista concedida a Jovita Maria Gerheim de Noronha (2002) afirma:

Logo, eu próprio não tenho uma definição pessoal: trabalho com a definição de todo mundo. Tento observar ao mesmo tempo o centro do sistema, o polo (o compromisso de escrever a verdade sobre si) e as margens, as situações fronteiriças de todos os tipos, nas quais a influência do outro polo se faz sentir, e onde se criam interferências, ‘franjas’ onde os dois sistemas manifestam, através do conflito, o que cada um deles tem de próprio. O polo é o compromisso de dizer a verdade sobre si. É um ato ‘real’, que implica a possibilidade de verificação [...] A esse aspecto referencial que o opõe à ficção, acrescenta-se um aspecto relacional, que o distingue do discurso histórico: o autobiográfico coloca seu leitor em perigo. Ele lhe pede algo: reconhecimento, aprovação, amor. E, ao mesmo tempo, sugere ou propõe algo mais embaraçoso ainda: a reciprocidade. O leitor é forçado a pensar em sua própria vida em termos análogos, mesmo se não tiver vontade de fazê-lo (Noronha, 2002, p. 23 – grifo do autor).

Assim, entre o compromisso de escrever a verdade e a ficção, cria-se um espaço de interação muito singular com o leitor. Os textos autobiográficos são um convite ao diálogo, ao dialógico, à recepção e à interação com o outro. Esses textos são, em suma, a possibilidade de se dar voz ao não dito, que convida o leitor a refletir sobre a sua própria vida.

O relato de uma maternidade homoafetiva

Com o intuito de refletir como o espaço da narrativa torna-se frutífero para a apresentação e discussão do que se entende por maternidade e de como novas metáforas devem ser associadas a ela, nos aproximamos do texto *Mama - um relato de maternidade homoafetiva* (2019), escrito por Marcela Tiboni. À primeira vista, a obra trata do percurso vivido pela autora e sua companheira Melanie em busca da maternidade. Assim, a sequência de capítulos vai descrevendo, um a um, os passos dados pelo casal desde o desejo de ter filhos, o tratamento de fertilização, as agruras da gestação, o nascimento dos filhos gêmeos, até os primeiros dias em família. E esta é a particularidade da obra: estamos diante da narração da formação de uma família com duas mães. Em entrevista⁷ concedida às autoras deste artigo, Marcela afirma que o livro nasce depois da constatação da inexistência de relatos que pudessem ajudar as duas no processo de maternidade. Não existiam livros sobre maternidade homoafetiva e o seu desejo foi registrar a experiência de modo que outros casais homoafetivos pudessem conhecer essas etapas e viver mais facilmente esse processo. Sim, estamos diante de um livro militante:

Escrever um livro desse, para mim, é mais do que contar a minha história e a história da minha família. Ele é um ato de militância, assim como viver a maternidade também o é nos dias atuais. Além disso, ao longo de toda a caminhada para nos tornarmos mães, começamos a interagir em nossas redes sociais e em fóruns específicos e ver que existem muitas dúvidas sobre o tema. Esse não é um livro técnico, muito pelo contrário, afinal, não tenho formação técnica. É um relato e acredito que ele elucidará muitas questões e pode contribuir para a construção de uma série de outras famílias (Tiboni, 2019a).

⁵ *Maternidad y cultura: una reflexión en primera persona.*

⁶ “[...] hasta el presente momento, dada la falta de tradición, esta escrita de las experiencias femeninas tendrá que ser, sobre todo, autobiográfica.

⁷ M. Tiboni (comunicação pessoal, 14 de dezembro de 2020).

O autobiográfico perpassa todas as linhas do texto. O leitor pode acompanhar o casamento de Melanie e Marcela, participar com elas das consultas médicas, rir ao descobrir por que a sua cachorra se chama 'Clô'. É como se tivesse passe livre para transitar na vida de duas pessoas civis que abrem a porta de sua casa para uma visita íntima. Mas a chave de leitura que utilizamos para o texto, nos dá a própria autora na apresentação do livro. Ela afirma: "Nosso relato é baseado em nossa experiência pessoal, em nossa memória e como nós, na época, entendemos cada procedimento [...] Mas que fique claro que nada aqui é mentira, fantasia ou invenção" (Tiboni, 2019, p. 13). A memória, essa fiel traíçoeira, é, por si, ficcional. Ela recorta, ela guarda, ela esquece. Permanece o pacto com os leitores, o convite a que pensem as próprias vidas e à reciprocidade. Assim, despreocupando-nos de que se o que é escrito por Marcela trata-se de uma 'verdade comprovável', preferimos nos aproximar de *Mama* (Tiboni, 2019) destacando o quanto ele tem contribuído para a construção de uma nova metáfora de maternidade.

A onomatopeia que dá título ao relato, esse primeiro balbuciar das crianças para chamar a mãe, já nos convida a prestar atenção de que não se trata apenas de uma, mas de duas: Ma+Ma (mãe+mãe), leitura que também se apoia na representação iconográfica dos quatro seios da capa. Duas mães que se tornam mães por caminhos diferentes.

Melanie vive a maternidade biológica. É ela quem passa pelo processo de estimulação de hormônio, pela fertilização, pelas mudanças que os meses de gestação vão marcando em seu corpo. É ela também que experiencia a frustração de não ter um parto como desejava e que passa pela cesárea. Sem ir mais longe, Melanie, a seu modo, é a representante da maternidade tradicional, ao gerar e dar à luz: "A Mel é a mãe, e isso está claro para todos. Ela está grávida, os carrega, sente os hormônios, os desconfortos, sono e enjoo" (Tiboni, 2019, p. 145). Melanie também é a parte do relacionamento que é reconhecida como mãe pela sociedade, enquanto Marcela é colocada em segundo plano. Mesmo quando ambas decidem que Marcela também amamentará, ato intrinsecamente relacionado à maternidade, as pessoas continuam se relacionando com elas como se houvesse apenas uma mãe legítima:

Sem dúvida, esse é um assunto que as pessoas comentam. A amamentação parece ser um assunto universal, e as pessoas têm por pressuposto me tratar como uma mãe diferente, afinal os gêmeos estão na barriga da Mel e é a ela que todos se dirigem para falar da gravidez. Costumamos ouvir muitas, mas muitas mesmo, de pessoas heteronormativas, frases como:

'Ai, Mel, se prepara porque amamentar vai ser exaustivo [...]'

'Nossa, Mel, durma tudo o que puder agora porque depois vai ser punk!'

'Má, você vai ter que dar muito suporte pra Mel porque a mãe sofre, viu?'

'Meninas, vocês vão ver, amamentar é lindo, mas cansa demais! Mel, vai se preparando porque você vai sofrer'.

Parecem tratar sempre ambas como mães, mas, na hora de falar 'de mãe para mãe', se dirigem à Mel, eu fico como que de escanteio (Tiboni, 2019, p. 142, grifo do autor)

Deslocada do grupo das mães, Marcela é lançada ao universo dos pais, homens e maridos que relatam o seu papel secundário nos cuidados da amamentação dos filhos recém-nascidos. E então, a constatação: "Nunca fui homem, nunca serei homem. Só posso viver as situações da perspectiva de uma mulher, de uma mulher lésbica" (Tiboni, 2019, p. 215). Mas ainda vivemos em uma sociedade que não conhece, ou reluta em enxergar, esse adjetivo para a maternidade. E então, o diálogo com a enfermeira se faz revelador. Embora algumas pessoas consigam já significar a maternidade lésbica, o mundo institucional, como o dicionário, ainda tem muito o que caminhar:

- Marcela, preciso dizer algo que não me orgulho. Aqui no hospital o acesso livre aos quartos acontece apenas mediante o uso de uma pulseirinha. Quando os seguranças veem o acompanhante usando a pulseira, a entrada é liberada automaticamente.

- Ah, bacana, quero usar.

Quando ela me entrega a pulseira, vejo que está escrito 'sou papai'.

- Opa, mas não tem uma pulseira escrito 'sou mamãe'? Não quero usar uma pulseira escrito 'sou papai', poxa.

- Ah, Marcela. Por isso disse que não tenho orgulho. Infelizmente não existe outra pulseira a não ser essa, eu fico constrangida em entregá-la a você. Mas posso conversar com a equipe de segurança do hospital e informar a todos que você poderá entrar nas dependências mesmo sem a pulseira, você prefere?

Eu estou ansiosa com o parto, não quero me preocupar com assuntos desse tipo agora. Aceito usar a pulseira, mesmo olhando para ela a cada cinco minutos e pensando que aquela frase não faz o menor sentido (Tiboni, 2019, p. 225-226, grifo do autor).

Como dissemos anteriormente, Marcela cumpre com algo que a associaria tradicionalmente à figura da mãe. Ela amamenta, mas o seu leite não aparece como resultado de uma gestação, mas é estimulado por medicação e, também por isso, precisa responder constantemente como é mãe daquelas crianças. Marcela se vê em um emaranhado de experiências, não se encaixando plenamente em nenhum papel pré-estabelecido. Ela é a mãe que não cabe na definição do dicionário, é a mãe que se constrói ao lado de outra mãe durante o processo de gestação. É, por isso, e literariamente, a nossa personagem mais complexa. Como gestar não biologicamente? Como se reconhecer e se afirmar mãe sem ter cumprido o que convencionalmente se espera? O que ampara a sua maternidade em um mundo em que ‘mãe é aquela que pare’? Parte da resposta nos dá a própria autora. A sua maternidade se inicia racionalmente: ‘Posso dizer que o livro foi a minha gestação. A Melanie tinha uma série de mudanças acontecendo no corpo dela, eu não’ (Tiboni, 2019).

Podemos observar ao longo de quase toda a obra como Marcela se coloca no lugar de amparo e fortaleza de Melanie, de um modo tal que às vezes é difícil não pensar como também traz enraizados em si papéis patriarcais. Se não é ela quem gesta, precisa ser o lado prático do casal, a que cuida, a que toma decisões, a que se mantém forte, mas até mesmo esse papel acaba se fragmentando em sua experiência. Após o nascimento dos gêmeos, a ansiedade de Marcela ao se ver perdida entre o papel da mãe geradora e a cuidadora a faz se sentir “[...] péssima e derrotada [...]” (Tiboni, 2019, p. 236):

Então me pergunto: e se eu chorar também? Esse pensamento passa pela minha cabeça e se instala: um choro forte, de soluçar, estou em pânico, aterrorizada, ‘não sirvo para ser o porto seguro de ninguém, mal posso me aguentar em pé, que dirá cuidar da família’.

- Amor, calma... Por favor, não chora, está tudo bem, calma.

- Não, não está tudo bem, eu não tenho mais forças, você não pode se levantar, tenho medo que algo ruim aconteça com você, eles não param de chorar, o peito doendo de tanto amamentar, e agora? ‘Quem vai cuidar de você, quem vai cuidar deles, quem vai cuidar de mim?’ Não sei se estava pronta para me tornar uma cuidadora, me sinto uma criança com responsabilidades impossíveis de assumir. Me sinto péssima, uma derrotada (Tiboni, 2019, p. 235-236, grifo nosso).

As perguntas ecoam sem resposta, e escancaram ainda mais o desamparo e o vazio da experiência de uma maternidade que se encontra à margem do conceito patriarcal do que é, de fato, ser mãe. O processo de individuação e do ir se apropriando, de corpo inteiro, de que também estava nascendo nela uma mãe, acontece de forma gradual. Se ao longo de quase todo o relato Marcela opta pelo uso da primeira pessoa do plural — nós —, em uma representação quase simbiótica com Melanie, é no momento em que se permite, em primeira pessoa, chorar no banheiro, depois de constatada a impossibilidade de um parto natural e verbalizar que não pensa o mesmo que Melanie que, como leitores, conseguimos observar o modo que se individualiza como mãe:

No instante em que Ana Thais disse que a cesárea seria na sexta-feira daquela mesma semana ou na segunda-feira da semana seguinte, eu sorri e fiquei com os olhos marejados, enquanto Mel caiu num choro de soluçar. Lembro de olhar para o lado e estranhar aquela reação. Demorei alguns segundos para ampará-la, para tocar sua mão com as minhas, para enxugar suas lágrimas. Foi estranho, a dor que ela sentia eu não partilhava. Não fui solidária, talvez pela primeira vez na gravidez não dividimos um mesmo sentimento, pelo contrário, fomos para lados completamente opostos (Tiboni, 2019, p. 212).

Ao chegar em casa, a cena:

Propus que fôssemos dar uma volta com a Clotilde, ela aceitou, ia fazer bem, eu me troquei e sentei no sofá à espera. Mas ela não vinha. A casa escura, num fim de tarde, e ela não vinha. Ouvi um assoar de nariz e entendi, ela estava chorando. Fiquei algum tempo ainda no sofá, deixando que ela vivesse essa dor, que era dela, me levantei e fui até o banheiro, a abracei, e ela chorou. Eu era solidária, mas não partilhava da mesma dor, o que me era estranho: eu sabia até então sofrer junto, mas não sustentar um sentimento sem partilhá-lo. Nesse dia, foi o que eu fiz. Estive junto, respeitei, não chorei, não me entristeci, convivi com a dor dela e a amparei em tudo que pude, dei a maior quantidade de amor que pude, mas foi a primeira vez, em um ano e sete meses do processo de gravidez, que não sofri junto (Tiboni, 2019, p. 214).

Marcela se dá conta de que pode ter os seus próprios sentimentos na experiência da maternidade, sem com isso abandonar ou negar os de sua companheira. É uma mãe em construção, a construção de uma identidade na fragmentação da experiência individual, em um misto de experiências derivadas de ela ocupar um lugar que ainda hoje socialmente é desconhecido de muitos. Mas como Marcela vai nos ajudando a atribuir uma nova metáfora para a palavra mãe ao longo de seu texto? Como a ancoragem do sentido da maternidade no discurso patriarcal influencia a construção e a contestação da pessoa-personagem Marcela?

Em *Semiotização ficcional do discurso* (1984), Anazildo Vasconcelos da Silva argumenta que o processo de criação literária imita o processo de criação do real. O real cria o ser e o mundo, e da relação entre os dois surgem duas grandes dimensões: a dimensão objetiva do mundo e a dimensão subjetiva do ser, sendo a primeira a codificação do material e do real, e a segunda a expressão da individualidade humana. O processo de criação literária imita essa dinâmica, criando dentro do discurso narrativo a dimensão objetiva do espaço e a dimensão subjetiva da personagem. Não é possível dizer que o universo ficcional e o real estão completamente separados, visto que ambos derivam um do outro. Ainda, como argumentado no início deste texto a respeito dos princípios da Linguística Cognitiva e das proposições bakhtinianas, toda palavra possui uma ancoragem no âmbito sócio-histórico, tornando o discurso uma ferramenta de construção de significado. No caso de *Mama* (Tiboni, 2019), mesmo que o texto opere enquanto um relato e advogue em sua total veracidade, a própria manutenção de uma experiência ímpar de maternidade já traz à tona os elementos ficcionais da narrativa, como enunciamos anteriormente.

Vasconcelos da Silva (1984) categoriza que o discurso narrativo possui em sua estrutura três partes: a personagem, o espaço e o acontecimento. A partir dessas três partes, surgem três padrões narrativos: a narrativa de semiotização do espaço, a narrativa de semiotização da personagem e a narrativa de semiotização do acontecimento. Entende-se por “[...] semiotização [...]” o “[...] sentido dado a partir de [...]” (Silva, 1984, p. 59) uma perspectiva de análise, que pode ser uma das três partes da estrutura narrativa. Uma narrativa de semiotização do espaço ocorre quando é o espaço que dita as regras sob as quais a narrativa irá se desenrolar, tornando o personagem e o acontecimento sujeitos a ele. As motivações pessoais e a subjetividade do personagem são reprimidas para que o espaço possa impor sua lógica até o fim, assim a subjetividade da personagem e a realidade objetiva se manifestam enquanto um só: “[...] como narrativa de semiotização do espaço, a realização da experiência individual é colocada ao nível da expressão subjetiva, como legitimação da verdade” (Silva, 1984, p. 64). Uma narrativa de semiotização da personagem inverte esta lógica: o espaço e o acontecimento estão sujeitos à subjetividade da personagem, tornando a objetividade do espaço apenas uma parte da experiência individual da personagem. “Assim sendo, o personagem, na ‘narrativa de semiotização do personagem’, realizando as motivações de ordem pessoal, alcança a plenitude existencial, seja pela efetiva sujeição do espaço, seja pelo desejo de sublimação” (Silva, 1984, p. 65, grifo do autor).

O último padrão narrativo - narrativa de semiotização do acontecimento - servirá de base para analisarmos a condição de Marcela na narrativa de *Mama* (Tiboni, 2019). Esse padrão é aquele no qual o acontecimento dita a estrutura narrativa, submetendo a personagem e o espaço às suas dinâmicas: “[...] o acontecimento é o elemento de ligação entre o personagem e o espaço narrativo, compreende as ações do personagem e as ocorrências do espaço” (Silva, 1984, p. 70). Na narrativa de semiotização do acontecimento, o acontecimento se desconecta da personagem e do espaço, tornando-se independente para redigir a estrutura da narrativa. Surge, então, uma problemática: sem o acontecimento estar conectado ao espaço, a personagem não consegue extrair dele a experiência necessária para construir sua identidade e suas ações, uma vez que é o próprio acontecimento que dá sentido e cria a ligação significativa entre a personagem e o espaço. Estando desconectados um do outro, a personagem se torna anormal à experiência e sua identidade se esvazia, enquanto o espaço se torna fragmentado pela falta de material significativo.

Nesse padrão narrativo, o acontecimento pode ter duas origens: uma ocorrência no espaço ou uma ação da própria personagem (Silva, 1984). Quando se trata de uma ação da personagem, esta projeta sua identidade no vazio e o vazio retorna para ela, já que ela se encontra desarticulada das outras partes da narrativa. Quando se trata de uma ocorrência do espaço, que é o que nos interessa, o acontecimento faz com que o ser experimente a mesma fragmentação que o espaço sofreu ao ser destituído de sentido e significação. É aqui que se encontra a situação de Marcela.

Mama (Tiboni, 2019) surgiu da ausência e da lacuna deixada pelo vazio da experiência, partindo da falta de relatos de experiência de maternidades homoafetivas e iniciando sua trajetória sem qualquer referência anterior na realidade objetiva. O livro é amarrado e guiado por aquele primeiro contato com a experiência da maternidade, e, logo que as fissuras começam a aparecer, as personagens são atingidas por elas e precisam processá-las em sua individualidade. Como já dito, Melanie recebe o papel da mulher-mãe, aquela que deve gerar e cuidar, enquanto Marcela tem sua subjetividade materna mais fragilizada.

A identidade materna de Marcela é, repetimos mais uma vez, resultado da combinação de diversos rompimentos com o conceito patriarcal de maternidade. Assume o papel de cuidar da família durante a fragilidade de Melanie, mas a sociedade não a legitima; se envolve emocionalmente, mas não passa pelo processo hormonal resultado da gravidez biológica. A palavra ‘mãe’ e seus significados ancorados no discurso

patriarcal são limitados para abarcar a dimensão da experiência materna de Marcela, construída ao longo da vivência da gestação e da escrita de seu livro. Mas o final feliz dessa história não termina com o nascimento dos gêmeos e a experiência de uma amamentação dupla. E esta história ainda não terminou. Porque, se Marcela pode se declarar com toda a verdade mãe de Bernardo e Iolanda, diariamente precisa validar a sua maternidade perante uma sociedade, que nega o seu nome no documento de seus filhos.

Considerações finais

Defendemos ao longo deste artigo que a língua é discurso, sua construção é histórica e social, e seus constructos refletem a maneira de ser de uma sociedade, a maneira como se pautam nossos valores e normativas. Ainda que já possamos vislumbrar novas formas de ver o mundo, vivemos em uma sociedade na qual o patriarcal e o heteronormativo ainda são imperantes. Uma maioria que muitas vezes cala, subjuga, deslegitima o diverso. E assim, evidenciamos como as acepções da palavra ‘mãe’ constantes nos dicionários ainda estão limitadas a essa visão de mundo. Mas os reflexos e as reflexões dessa realidade terminológica não se restringem apenas aos estudiosos da área, são sentidos na pele, principalmente, daqueles que estão excluídos:

Nessas horas eu fico me perguntando: ‘O que eu vou ser desses bebês?’. Vou ser mãe, mas não aquela que passou pela gestação, então pareço um outro tipo de mãe. Não vou ser pai, mas o fato de não parir a criança me aproxima mais da paternidade do que da maternidade. Estranho... Pensamos em mãe normalmente em oposição ao pai, mas aqui só existem mães. Então diferenciar os papéis de uma mãe e da outra é complexo (Tiboni, 2019, p. 146).

A concepção binária mãe-pai ainda se mantém fortemente. No entanto, as mudanças sociais pelas quais vamos passando, o reconhecimento de novos modelos de família, a alteração em documentos para que constem os nomes dos responsáveis devem também ser um lugar para uma mudança linguística.

E no que cabe ao texto literário, ele sempre será o lugar do novo. Ele sempre será o lugar que nos salva da incompreensão do real. *Mama*, definitivamente, não é um manual para quem quer ter filhos em uma relação homoafetiva. Ele é uma certidão de nascimento, ele é uma carteira de identidade, ele é um cadastro de pessoa física onde aparece registrado: sim, existem duas mães.

Referências

- Alves, J. (2009). Narrador. In *E-Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia*. Recuperado de <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/narrador>
- Bakhtin, M. (2003). *Estética da criação verbal*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Bassit, L. (2019). *Mãe ou eu também não gozei*. São Paulo, SP: Patuá.
- Carvacho, B. (2020). *Y tú, ¿tan feliz?* Madrid, ES: Caballo de Troya.
- Chiavegatto, V. C. (2009). Introdução à linguística cognitiva. *Revista Matraca*, 16(24), 77-96.
- Cohen, A. (2001). *O livro de minha mãe*. Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Dissidente. (2021). In *Michaelis On-Line*. Recuperado de <https://michaelis.uol.com.br/palavra/P0Am/dissidente/>
- Donna. (2021). In *Dizionario della Accademia Della Crusca*. Recuperado de <https://accademiadellacrusca.it/it/contenuti/dizionari/6225>
- Dorne, V. D. (2009). De sinal a signo: a ‘palavra’ (discurso) em Bakhtin. In *Anais do IV Encontro de Produção Científica e Tecnológica* (p. 1-11). Campo Mourão, PR. Recuperado de http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/deb_nre/palavra_Bakhtin_dorne.pdf
- Ernout, E., & Meillet, A. (2001). *Dictionnaire étymologique de la langue latine. Histoire des mots*. Retirage de la 4e édition augmentée d’additions et de corrections par Jacques André. Paris, FR: Klincksieck.
- Freixas, L. (2012). *Maternidad y cultura: una reflexión en primera persona*. Recuperado de <https://www.laurafreixas.com/pdf/claves-9-12-freixas-maternidad-y-%20cultura.pdf>
- Heti, S. (2018). *Maternidade*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Kyung-Sook, S. (2012). *Por favor, cuide da mamãe*. Rio de Janeiro, RJ: Intrínseca.
- Lakoff, G., & Johnson, M. (2002). *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Madre. (2021). In *Real Academia Española*. Recuperado de <https://dle.rae.es/madre>
- Mãe. (2021). In *Michaelis On-Line*. Recuperado de <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/m%C3%A3e/>

- Mère. (2021). In *Dictionnaire de l'académie française*. Recuperado de <https://www.dictionnaire-academie.fr/article/A9M1784>
- Noronha, J. M. G. (2002). 'Entrevista com Philippe Lejeune'. *Ipotesi – Revista de Estudos Literários*, 6(2), 21-30.
- Possenti, S. (2008). *Os limites do discurso. Ensaaios sobre discurso e sujeito*. São Paulo, SP: Parábola.
- Possenti, S. (2021, março 25). *Discurso | Glossário Ceale*.
Recuperado de <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/discurso>
- Silva, A. V. (1984). A semiotização ficcional do discurso. In A. V. Silva, *A semiotização literária do discurso* (p. 56-71). Rio de Janeiro, RJ: Elo.
- Shriver, L. (2007). *Precisamos falar sobre Kevin*. São Paulo, SP: Intrínseca.
- Tiboni, M. (2019). *Mama: um relato de maternidade homoafetiva*. São Paulo, SP: Dita Livros.
- Tiboni, M. (2019a). *Lançamento de 'Mama: um relato de maternidade homoafetiva'*. Recuperado de <https://www.guiagaysaopaulo.com.br/agenda/cultura/lancamento-de-mama-um-relato-de-maternidade-homoafetiva#/0>